

INY HANA RITI: DO GRAFISMO DOS ANTIGOS KARAJÁ, AO GRAFISMO KARAJÁ CONTEMPORÂNEO. ANALISANDO OBJETOS NO GRASSI MUSEUM OF APPLIED ARTS, LEIPZIG, (ALEMANHA) E NO MUSEU ANTROPOLOGICO DA (UFG).

Frederico Elias Barbosa Silva (PPGAS-UFG)

Este resumo apresenta parte da introdução de minha pesquisa de doutorado, onde procuro analisar parte da historiografia, etnografias e coleções cujo o grafismo Karajá esteja representado em seus primórdios, passando pelas transformações estéticas e sociais e suas representações nos museus citados no título. A pesquisa perpassa primeiramente na Ilha dos Martírios, um reduto na fronteira entre o Estado do Tocantins e o Estado do Pará, que contém desenhos entalhados na rocha e que podem contribuir na análise dos desenhos de grafismos difundidos na cerâmica coletada nas primeiras expedições, pois os registros visuais entalhados na pedra, se encontram em território habitado pelos Karajá há tempos imemoriáveis, Expedições Capuchinhas, Jesuíticas e das Bandeiras Paulistas, ambas respectivas aos séculos XVII, XVIII e XIX foram realizadas na bacia do Rio Araguaia, porém, a coleta de dados quanto a cultura material seria bastante remota. A primeira grande expedição responsável por coletar cultura material e se preocupar em descrever sobre o grafismo do povo Iny, (mesmo de forma breve) foi a expedição de (PAUL EHRENREICH, 1888), criando assim a coleção da reserva etnográfica Karajá do Museu de Berlim. Em sua obra intitulada “Beitrag zur volkerkunde Brasiliens”, publicada em Berlim no ano de 1891, o autor cita a Ilha dos Martírios, porém, sua pesquisa não abrange de forma satisfatória o objetivo desse trabalho como entendemos, necessitando maiores esforços junto aos interlocutores e colaboradores Karajá. Como pesquisa primordial, suas páginas trazem algumas ilustrações que demonstram 48 figuras e 16 pranchas de imagens. Outro etnólogo alemão responsável por coletar junto aos Karajá foi (FRITZ KRAUSE, 1908). Ao desempenhar empreitada no intuito de criar a coleção etnográfica para o Grassi Museum em Leipzig, o trabalho resulta em uma obra intitulada “In den wildnissen Brasiliens: bericht und ergebnisse der Leipzig Araguaya expedition” publicada em 1910, demonstra maior atenção quanto a produção da cultura material e do grafismo. Juntamente com um artigo intitulado “Die Kunst der Karajá (staat

Goyaz, Brasilien), Baesler” onde apresenta uma extensão de sua obra, acrescentando uma série de imagens tanto de grafismos coletados em pedaços de papel, quanto estampados nas mais variadas superfícies da cultura material Iny. Ao revisitar a coleção do Museu Antropológico, a pesquisa busca por uma temporalidade um pouco menos recuada no tempo, apontando novas estéticas dos desenhos em colaboração com os interlocutores Karajá, hoje protagonistas de suas identidades e representações. A pesquisa entende e busca as transformações dos grafismos por meio dos objetos, apontando as transformações na estética e suas contribuições para a estrutura social do povo Iny.